

Rede Nami: Arte Urbana em Defesa das Mulheres¹

Mariana Batista de JESUS²
Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO

Este artigo tem como objetivo investigar os processos de ação e comunicação do coletivo feminista Nami – Rede Feminista de Arte Urbana, a partir de suas práticas artísticas que se articulam entre a arte e ativismo, buscando identificar na atividade deste coletivo novas formas de engajamento político que constroem novos sujeitos políticos. A partir do conceito de “ativismo”, busca-se refletir a construção de narrativas na busca de transformação da realidade das mulheres como ação de aprendizagem e resistência, onde atores sociais historicamente invisibilizados encontram na arte urbana meios alternativos de engajamento político e social, de disseminação de mensagens de empoderamento feminino e promoção de direitos como forma de combater a violência contra a mulher.

PALAVRAS-CHAVE: empoderamento; arte urbana; ativismo.

Introdução

A discussão da temática da violência contra a mulher no Brasil vem ganhando cada vez mais espaço no debate público devido aos alarmantes números gerados por este tipo de violência. É importante demarcar que não se trata de um fato novo para as brasileiras e brasileiros, o Brasil ocupa a 5ª posição, entre 83 países no mundo, no ranking de homicídios de mulheres³, sendo que, segundo o Mapa da Violência: Homicídios de Mulheres no Brasil de 2015, existe um perfil preferencial de mulheres vítimas de homicídio, trata-se de meninas e mulheres negras, entre 18 e 30 anos, que sofrem violência, sobretudo no ambiente domiciliar⁴.

Diante desta violenta realidade, observa-se um movimento de mulheres artistas que, por meio da sua prática criativa de arte urbana, buscam visibilidade para esse assunto e protagonismo para debate-lo, reivindicando direitos para as mulheres, já que na esfera pública, sobretudo nos meios tradicionais de comunicação, o assunto é tratado a partir de

¹ Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Mestranda no programa de Comunicação e Territorialidades na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), e-mail: marianbatista@gmail.com.

³ Fonte: <https://nacoesunidas.org/onu-feminicidio-brasil-quinto-maior-mundo-diretrizes-nacionais-buscam-solucao/>

⁴ Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2015_mulheres.php.

estereótipos de gênero criando e consolidando um imaginário sobre o papel da mulher que nega espaço de fala e autorepresentação às mulheres, constituindo muito mais uma esfera de silenciamento do que de agenciamento para estes sujeitos.

Estes grupos diversos de mulheres artistas, organizadas coletivamente, que tratam de diversos aspectos relativos ao feminismo ocidental em suas produções, acabam por promover uma arte ativista pois entendem-se como sujeitos políticos situados em um contexto social e buscam enfrentar esse conflito inerente à sua realidade e condição, reivindicando para si a centralidade do debate, configurando desta maneira uma arte ativista. Tendo em vista as territorialidades urbanas e virtuais como campos para intervenções coletivas e debates sociais, as reflexões propostas neste artigo se baseiam nas práticas artísticas ativistas do coletivo Nami – Rede Feminista de Arte Urbana, que além de promover experiências de sociabilidade e aprendizagem por meio das oficinas ministradas por artistas formados pela própria rede, que envolvem jovens de escolas públicas e mulheres de diferentes comunidades no Rio de Janeiro, ainda ocupa as cidades e as redes virtuais com as suas imagens de cunho político sobre a superação das desigualdades de gênero, a partir dos debates estabelecidos.

Desta forma, é inegável o valor e a necessidade da construção de saberes acerca do tema, primordialmente, para valorizar e dar o lugar de fala para mulheres que estão trilhando o caminho do empoderamento, objetivando a transformação das suas próprias realidades e de seus pares. Para a reflexão das interconexões entre arte e ativismo em prol de transformações sociais e políticas trabalhamos com o campo referencial do conceito de "ativismo". Este neologismo apresenta-se como uma recente categoria analítica para conceituar as práticas artísticas com finalidade de ativismo político, um entrecruzamento entre os universos da arte e da política, com desdobramentos gerados, especialmente, a partir dos movimentos coletivos de reivindicação de caráter político a partir dos anos 2000 ao redor do mundo, que geram imagens contemporâneas potentes e reflexivas geradas “sobre” e “pelo” contexto sócio-político. A prática ativista traz em seu cerne a intencionalidade de promover transformações sociais a partir da reflexão crítica de quem as empreende (MESQUITA, 2008):

A sua natureza estética e simbólica amplifica, sensibiliza, reflete e interroga temas e situações num dado contexto histórico e social, visando à mudança ou à resistência. Ativismo consolida-se assim como

causa e reivindicação social e simultaneamente como ruptura artística - nomeadamente pela proposição de cenários, paisagens e ecologias alternativas de fruição, de participação e de criação artística. (DI GIOVANNI, 2015, p.12).

Assim, o presente artigo visa dissertar sobre os campos de ação artistas do coletivo, buscando compreender como as artistas do coletivo Rede Nami, utilizam a arte urbana como meio de comunicação e aprendizagem e a potência das redes, para dialogarem entre si e com a sociedade na busca destas transformações, de forma alternativa às esferas formais de poder.

Pelos Muros da Cidade – Rede Nami Pelos Direitos das Mulheres

“Equidade de gênero por uma sociedade sem violência contra as mulheres”, essa é a máxima que orienta o coletivo Nami – Rede Feminista de Arte Urbana, que instrumentaliza a arte urbana, para promover os direitos das mulheres e combater a violência de gênero. Fundado em 2010 na cidade do Rio de Janeiro, o projeto tem como missão, segundo as informações disponibilizadas no site www.redenami.com.br, “multiplicar o empoderamento de mulheres sobre seus direitos através das artes urbanas”⁵. Após sofrer com a violência doméstica fruto de um casamento mal-sucedido, a artista visual Panmela Castro, teve que lidar com a realidade de ver o seu agressor impune, visto que na época ainda não estava instituída a Lei Maria da Penha.

Diante dessa experiência, Panmela percebeu no graffiti um caminho para a superação da situação de depressão e isolamento na qual se encontrava e, após conquistar visibilidade por meio da arte urbana, enxergou a oportunidade de utilizar esse caminho para empoderar outras mulheres. Começou a ministrar oficinas de graffiti como ferramenta de comunicação para divulgação da Lei Maria da Penha e, sobretudo, para promover reflexões sobre o papel da mulher na sociedade.

Com o crescimento da demanda e a percepção do fortalecimento do trabalho, amigas e amigas de amigas foram convidadas para participarem e assim foi fundada a Rede Nami que hoje possui mais de 500 colaboradores e conta com mais de 5.000 pessoas impactadas por meio das oficinas e das produções visuais que já chegam a 5.000 m² de muros grafitados e painéis que podem ser vistos, além do Rio de Janeiro, nas cidades de

⁵ Disponível em: <https://redenami.wordpress.com/about/>

Nova York e Paris, promovendo uma crescente ocupação e reterritorialização do meio urbano. Esse modelo de ocupação das cidades suscita reflexões não somente sobre a questão da violência de gênero, empoderamento feminino e feminismo, mas também acerca da do ativismo político por meio do uso de práticas artísticas e organização coletiva que promovem experiências contemporâneas políticas e sociais, e por consequência, novos sujeitos de discurso, tendo a cidade como meio e mídia para disseminação de imagens e mensagens e as redes virtuais para potencialização destas experiências urbanas.

Atualmente o coletivo desenvolve os projetos #AfroGrafiteiras – oficinas de graffiti e produção de painéis que trabalham a temática da mulher negra com o objetivo de empoderamento e questionamento do papel desta na sociedade –, Graffiti pelo Fim da Violência Contra a Mulher – projeto onde o coletivo vai até escolas e comunidades para realização de oficinas e painéis onde a arte urbana é utilizada como forma de comunicação sobre a Lei Maria da Penha e sobre violência doméstica –, Fundo Nami – investimento em projetos de mulheres para desenvolvimento de práticas artísticas ou estudos relacionados à situação da mulher na sociedade contemporânea – e o Museu Nami – projeto de construção de um Museu na comunidade onde se localiza, no bairro Tavares Bastos, no Rio de Janeiro, composto de uma galeria à céu aberto de obras de temática feminista e preferencialmente produzido por mulheres. Por meio dos projetos, o coletivo forma uma rede de atuação através de oficinas educativas e intervenções artísticas nas ruas do Rio de Janeiro, direcionado à atores sociais historicamente invisibilizados, transpondo essas narrativas para as redes, para multiplicar e amplificar as narrativas produzidas.

Artivismo Para Transformação Política

Estas mulheres que, por meio da prática artística, buscam o protagonismo no debate das questões relativas à mulher e também dialogar com outros sujeitos sociais e com a cidade, utilizando a própria cidade como meio para promove-lo, pode-se observar um rico campo de imagens contemporâneas, de conteúdo político, contestatórias e de resistência, onde mulheres, enquanto atores sociais historicamente invisibilizados, encontram formas alternativas de ativismo político. Dentro dessa perspectiva de usos comunicacionais criativos de linguagens artístico-estéticas, o artista transpõe o espaço

rígido e institucionalizado das galerias e museus e encontra no espaço público da rua e nas redes suporte e meio para ação política e ocupação das cidades por meio do ativismo.

Dois momentos históricos são fundamentais para entender a origem do termo "ativismo": o primeiro momento com os movimentos sociais que ocorreram a partir do final da década de 1960, como a luta pelos direitos civis, as manifestações contra a Guerra do Vietnã e a contracultura, já o segundo momento, com a produção de novas tecnologias, a partir dos anos de 1990, fazendo com que a comunicação, fomentada por um novo momento de desenvolvimento de tecnologias digitais, por meio da internet, mostrar-se como um suporte para ampliar o potencial de diversas vozes, inclusive de artistas políticos, aumentando o seu campo de ação (CHAIA, 2007). Assim, o ativismo distingue-se pelo uso de métodos colaborativos de execução do trabalho e de disseminação dos resultados obtidos (CHAIA, 2007). O artista e antropólogo, Rui Mourão (2015), ao analisar o ativismo ressalta que "[...] as performances possibilitam uma voz independente na esfera pública, procurando interpelar o outro a partir de certas estratégias, arriscadas na sua audácia. Fazem-no com recurso à criatividade, à emoção, ao inesperado, a um espaço e/ou tempo" (MOURÃO, 2015, p.66).

Esses eventos de coletivos foram propulsores para a articulação de novas formas e abordagens de se fazer política, fora das instituições formais de poder, e cada vez mais passam a utilizar ideias alternativas, com enfoque especial para práticas artísticas, superando o seu aspecto contemplativo e agregando caráter social, fazendo com que "[...] por um lado, na contestação de rua encontram-se usos criativos de linguagens artísticas. Por outro, na arte contemporânea as criações em torno da dimensão política são uma das tendências mais significativas" (MOURÃO, 2015, p. 55).

Segundo Mourão (2015), nos atos artivistas a expressão da arte é dada através de uma esfera estética aliada a uma ética de resistência, subvertendo os status a partir de recursos econômicos reduzidos para traduzir de forma criativa conceitos e ideias que se consideram elevados. "As ações artivistas por serem efêmeras, alternativas ou minoritárias, podem ser desvalorizadas, no entanto, precisamente pelo caráter excepcional, quando acontecem são poderosas na sua intensidade" (MOURÃO, 2015, p. 66).

Tem-se a metáfora do artista como propulsor de novos desdobramentos sociais, deslocando o cenário da arte e da política para o espaço público. "Sai do espaço fechado e branco para o espaço cinza das ruas ou para o espaço virtual da internet" (CHAIA, 2007, p.11). Julia Ruiz Di Giovanni em "Apontamentos para a análise de práticas em trânsito

entre arte e ativismo" também apreende o ativismo como espaço de comunicação e opinião no campo político. Trata-se de um movimento que extrapola os limites da arte e da política (convencional), para aproximá-la das temáticas que tangenciam a vida cotidiana, dentro de uma lógica de resistência:

A ação coletiva – na arte ou no ativismo – recorta o “sensível comum” (Mesquita 2011:38), cria espaços e temporalidades, altera os limites do que é visível e dizível. As práticas organizativas, comunicativas e táticas de um movimento não apenas representam conflitos sociais, mas criam formas da experiência mesma desses conflitos. (DI GIOVANNI, 2015, p.18)

Em sua abordagem Di Giovanni (2015) indaga as práticas implicadas na criação de espaços políticos de experimentação para problematizar modelos de análise e contribuir com uma perspectiva que permita entender como certos gestos e usos atualizam a relação entre experiência subjetiva e a transformação da ordem social. Aspectos estes que se observam na ação ativista do coletivo Rede Nami ao vislumbramos a dimensão política da sua prática artística e a sua relação com os territórios do protesto social, procurando a visibilidade de situações sociais politicamente significantes como a situação da violência contra a mulher, a representação da mulher negra e a reivindicação de políticas públicas para mulheres. Para a autora é um problema atual e de grande relevância a relação entre as formas de ação coletiva e a possibilidade de transformação das relações de poder.

Dentro deste conceito de ativismo, o modo de organização coletiva para desenvolvimento dos projetos “#AfroGrafiteiras” e “Graffiti Pelo Fim da Violência Contra a Mulher” realizadas pelo Rede Nami, apresentam-se ao mesmo tempo como resultado e ferramenta de transformação e reterritorialização do espaço urbano por meio da apropriação simbólica deste espaço a partir das experiências e subjetividades dos participantes envolvidos, tendo em vista, que levam para as ruas, por meio da linguagem do graffiti, discussões sobre racismo, violência, direitos das mulheres, entre outros, a partir de reflexões empreendidas pelas próprias mulheres a partir de suas experiências cotidianas.

Ainda sobre o projeto #AfroGrafiteiras, em especial, a escolha nominal do projeto de formação em arte urbana focado no protagonismo da mulher negra, transformada em

*hashtag*⁶ nas redes sociais registra e amplifica os eixos temáticos trabalhados descritos no site do coletivo, que são: 1) Arte urbana como veículo de comunicação; 2) Empoderamento a respeito das temáticas de gênero e raça; 3) Empreendedorismo social, produção cultural e economia criativa; 4) Novas tecnologias de comunicação, informação e marketing viral⁷. Além da construção de diálogos sobre o protagonismo e emancipação da mulher negra materializada por meio de grafites, painéis, entre outros, o coletivo, utiliza a potência das redes para propagar os trabalhos desenvolvidos e suas imagens de resistência, aliando a ação artista de rua ao universo virtual, em uma associação de um movimento estético aliado à um discurso de cunho político, posicionando a arte urbana como uma ferramenta alternativa comunicação e construção de narrativas de resistência destas mulheres. Sobre esta temática, as imagens trazem elementos de luta e resistência da mulher negra, sobre o corpo, identidade e raízes, desenvolvidas pelas próprias mulheres.



Figura 1 – Graffiti produzido em uma das oficinas #AfroGrafiteiras no bairro Vila Kennedy.
Fonte: Facebook.⁸

Análoga às reflexões propostas pela midialivista Ivana Bentes em “Mídia e Multidão: Estética da Comunicação e Biopolíticas”, as redes proporcionam às narrativas

⁶ Tipologia de marcação, especialmente utilizado nas redes sociais, para categorizar e vincular conteúdos publicados.

⁷ Disponível em: <https://www.redenami.com/afrografiteiras>

⁸ Publicado em:
<https://www.facebook.com/afrografiteiras/photos/a.1682945321923912.1073741857.1575841335967645/1683042691914175/?type=3&theater>

produzidas pela instrumentalização da arte urbana, o poder de catalizador do discurso e da subjetivação da produção (conhecimento-informação), que proporcionam um contraponto à produção de narrativas sobre a mulher das mídias tradicionais, mais ainda, ampliam espaços para estas mulheres na produção de conteúdo socialmente relevante e construção de narrativas próprias, na rua e nas redes, a respeito de suas próprias demandas:

Estamos vendo surgir nas ruas uma multidão capaz de se autogovernar a partir de ações e proposições policêntricas, distribuídas, atravessadas por poderes e potências muitas vezes em violento conflito, mas que constituem uma esfera pública em rede, autônoma em relação aos sistemas midiáticos e políticos tradicionais. (BENTES, 2015, pág. 21)

Assim como a construção de novas narrativas por meio das redes, alternativas às dos meios tradicionais de comunicação, nos protestos de ruas, com sua marca histórica no Brasil a partir das jornadas de junho de 2013, a ação ativista realizada pelo coletivo Rede Nami tem produzido novas narrativas por meio da arte urbana, se apropriado da prática artística de forma ativista, dentro de uma lógica de resistência, produzindo novas experiências político-sociais a partir de novos sujeitos de discurso, produtor e reflexo dos processos de “[...] mutação antropológica e transformações na forma de ver, sentir, na sociabilidade e nas formas de produção do próprio conhecimento.” (BENTES, 2015).

Empoderamento Feminino Nas Ruas e Nas Redes

As esferas formais de poder, em especial os meios de comunicação de massa contribuem de maneira direta para a produção e reprodução de estereótipos de gênero, sobretudo na construção de padrões direcionados ao feminino, construindo modelos idealizados de mulheres pautados em determinadas características físicas como símbolo de beleza, ideal de fragilidade, gentileza, maternidade compulsória entre outros valores consonantes com o discurso ideológico de subordinação da mulher (MARQUES, 2011), que se determina, de modos diversos sobre as mulheres, a partir do recorte de classe e etnia. Essa representação é reflexo das raízes históricas e estruturais que conformaram os contornos do devir mulher na contemporaneidade, segundo a historiadora Mary Del Priore:

A mulher na história do Brasil tem surgido recorrentemente sob a luz de estereótipos, dando-nos a enfadada ilusão de imobilidade. Auto-sacrificada, submissa sexual e materialmente reclusa com rigor, à imagem da mulher de elite opõem-se a promiscuidade e a lascívia da mulher de classe subalterna, pivô da miscigenação e das relações inter-étnicas que justificaram por tanto tempo a falsa cordialidade entre colonizadores e colonizados. (DEL PRIORE, 1994, pág. 11)

Assim como os estereótipos de gênero relacionados à mulher a mídia tradicional também reproduz e naturaliza a violência sofrida por estas por meio de narrativas que reproduzem as relações hierarquizadas, culpabilização e exposição da vítima, como, por exemplo, nos casos de coberturas jornalísticas sobre assassinatos e violência relacionado às mulheres, reproduzindo uma estrutura de perpetuação e manutenção de discursos e imagens subordinação e culpabilização das mulheres pela violência sofrida (MARQUES, 2011).

Tomando como base o imaginário como uma instância produtora de cultura, mitos e modelos arquetípicos (SODRÉ, 1994), as mídias tradicionais se apresentam como elementos fundantes da vida social que perpetuam imagens e narrativas atualizando estereótipos de gênero históricos, que permeiam o imaginário coletivo e contribuem para a manutenção de modelos normativos direcionados à representação da figura da mulher, que se refletem na vida social observados nos índices de violência contra a mulher, casos de feminicídios, negação de direitos sexuais e reprodutivos, etc, fatos sociais que são produtores e produtos, ao mesmo tempo, deste imaginário.

Tendo em perspectiva que a mídia tradicional reproduz imagens modeladoras de realidade a partir de estereótipos de gênero, a arte ativista desenvolvida pelo coletivo, mostra-se como forma alternativa às narrativas apresentadas pelos dispositivos midiáticos tradicionais, produzindo suas próprias imagens e narrativas de resistência e ressignificação do papel da mulher, abrindo espaço para um outro processo de aprendizagem social na busca de transformações sociais. Baseados nos eixos principais de discussão, que se concentram em torno do direito das mulheres, combate a violência de gênero e a protagonismo da mulher negra no Brasil, o coletivo desenvolve oficinas temáticas de arte urbana, especialmente de graffiti, utilizando-o como ferramenta de divulgação da Lei Maria da Penha, promoção de direitos das mulheres, empoderamento relativo à questões de raça e gênero, entre outros. A partir destas oficinas desenvolvem murais coletivos pela cidade para uma representação estética acerca do debate desenvolvido por mulheres e jovens e leva essas imagens para as redes para

potencialização do seu alcance, inclusive para trazer novas pessoas para os projetos em desenvolvimento.



Figura 2: Graffiti produzido em uma das oficinas #AfroGrafiteiras na comunidade Pedra do Sal, Rio de Janeiro. Fonte: Site Rede Nami⁹

A atuação das mulheres artistas da Rede Nami na construção de novas imagens e narrativas e a participação política proporcionada pela relação entre a arte e o ativismo, é observado a partir do conceito de empoderamento. A teórica Srilatha Batliwana (1997) reflete que o conceito se atrela a uma noção de interesses estratégicos e sua característica mais notável encontra-se na palavra “poder”, definido por ela como o "controle sobre os bens materiais, os recursos intelectuais e a ideologia"¹⁰ (BATLIWALA, 1997, p.192, tradução nossa). O alcance do poder, por indivíduos particulares ou grupos, corresponde à quantidade de classes de recursos que podem controlar e a força concedida às ideologias prevalentes, seja nos aspectos sociais, religiosos ou políticos.

O controle sobre estes elementos proporciona o “poder de decisão”, que se encontra, em grande parte, no campo masculino. Com isso, seguindo a autora, o "empoderamento" é o processo de questionar essas relações e promover a expansão e acesso a esses espaços, majoritariamente dominados por homens. Tem, portanto, como objetivos o questionamento à ordem patriarcal, a transformação das estruturas que constroem, naturaliza e reforça as hierarquias de gênero e a promoção de recursos informacionais às mulheres. Para ela, o empoderamento ocorre de forma efetiva quando

⁹ Publicado em: <https://www.redenami.com/afrografiteiras>

¹⁰ Texto original: “[...] controlan o están capacitados para influir en la distribución de los recursos materiales, el conocimiento y la ideología [...]”

se gera uma nova concepção de poder na qual há transformação das estruturas de subordinação com mudanças nas leis e nas instituições que reforçam e perpetuam a dominação masculina. Segundo afirma:

O empoderamento se manifesta como uma redistribuição do poder, seja entre nações, classes, castas, gêneros ou indivíduos. As metas do empoderamento de mulheres é desafiar a ordem patriarcal, transformar as estruturas e instituições que reforçam e perpetuam a discriminação de gênero e a desigualdade social e capacitar as mulheres pobres para que tenham acesso ao controle da informação e aos recursos materiais. Desta maneira o processo de empoderamento tem que aplicar-se a todas as estruturas e fontes de poder relevantes" (BATLIWALA, 1997, p.193, tradução nossa)¹¹.

O empoderamento, para que ocorra, deve lançar-se como força política em movimentos que desafiem e transformem os poderes existentes. Desta maneira, a arte ativista realizada pela Rede Nami, a partir da organização de mulheres e em todas as suas ações estéticas e suas construções de novas narrativas, apresenta-se como uma maneira de reformulação e resistência às esferas e instituições formais de poder, oferecendo novos corpos de ideias e informações para aprendizagem de novos ideários sobre a figura da mulher e para a construção de uma forma alternativa de participação política. Os grafites realizados por estas mulheres, subvertem as narrativas tradicionais, pois trazem elementos texto-imagéticos referentes ao universo da mulher, de fortalecimento da identidade feminina, a partir da diversidade, e de resistência às problemáticas vivenciadas por elas, fazendo emergir uma cidade sensível, onde, simbolicamente, a mulher passa a ocupar esse espaço, por meio dos agenciamentos possibilitados pelo graffiti e pela ação coletiva.

Considerações Finais

Este artigo tem como propósito a partir das reflexões apresentadas, contribuir teoricamente para o avanço dos estudos feministas. A construção e manutenção de estereótipos de gênero voltados para os femininos acontece, historicamente, em um fluxo

¹¹ Texto original: "El empoderamiento se manifiesta como una redistribución del poder, ya sea entre naciones, clases, razas, castas, géneros o individuos. Las metas del empoderamiento de las mujeres son desafiar la ideología patriarcal (dominación masculina y subordinación de la mujer), transformar las estructuras e instituciones que refuerzan y perpetúan la discriminación de género y la desigualdad social (la familia, la raza, la clase, la religión, los procesos educativos y las instituciones, los sistemas y prácticas de salud, las leyes y los códigos civiles, los procesos políticos, los modelos de desarrollo y las instituciones gubernamentales) y capacitar a las mujeres pobres para que logren acceso y control de la información y de los recursos materiales. De esta manera, el proceso de empoderamiento tiene que aplicarse a todas las estructuras y fuentes de poder relevantes"

constante moldando as formas de vida das mulheres na contemporaneidade, por meio de narrativas e imagens baseadas em estereótipos de gênero, que são permeados por situações de violência e negação de direitos às mulheres.

Assim, a organização de mulheres em coletivos apresenta-se como uma possibilidade de empoderamento para debate e ações ativistas para transformações sociais destas realidades. O coletivo Rede Nami, ao instrumentalizar a arte urbana como uma ferramenta de comunicação e aprendizagem para sujeitos sociais marginalizados, promovem localmente ações de resistência à essa realidade e a esses discursos e narrativas, justamente, contrapondo-as a partir de novas imagens e narrativas construídas a partir das próprias mulheres e suas demandas, por meio da prática artística ativista. A organização coletiva e a linguagem estética da arte urbana utilizada como forma de comunicação e resistência pela Rede Nami promovem não só um novo modelo ressignificado da participação política da mulher enquanto sujeito invisibilizado e não tradicionais, mas também promove novas sociabilidades e a emergência de redes de produtores de informação alternativos na esfera pública.

Trata-se de compreender novas formas de exercício político e do ativismo, com a finalidade de imprimir fissuras ao modelo dado e transformar a sociedade, além de dar visibilidade às narrativas construídas por mulheres.

REFERÊNCIAS

BATLIWALA, Srilatha. El significado del empoderamiento de las mujeres: nuevos conceptos desde la acción. In: LEÓN, Magdalena (Org.). **Poder y empoderamiento de las mujeres**. Santa Fé de Bogotá: T/M Editores, 1997.

BENTES, Ivana. **Mídia-Multidão: estéticas da comunicação e biopolíticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

CHAIA, Miguel. **Artivismo - Política e Arte Hoje**. 2007. Disponível em: <http://bit.ly/2exrTPx>. Acesso em 05 de outubro de 2016.

DEL PRIORE, Mary. **A mulher na história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

DI GIOVANNI, Julia Ruiz. **Artes de Abrir Espaço**. Apontamentos Para Análise de Práticas em Trânsito Entre Arte e Ativismo. 2015. Disponível em: <http://bit.ly/2e5JWsT>. Acesso em 03 de outubro de 2016.

LEÓN, Magdalena. **Poder y empoderamiento de las mujeres**. In: BATLIWALA, Srilatha. El significado del empoderamiento de las mujeres: nuevos conceptos desde la acción. Santa Fé de Bogotá: T/M Editores, 1997.

MARQUES, Maria de Fátima. **Mídia e Gênero: Análise Crítica da Violência Contra a Mulher no Telejornalismo.** Dissertação Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Rio Grande do Norte, 2011.

MESQUITA, André L. **Insurgências poéticas – Arte ativista e ação coletiva.** Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MOURÃO, Rui. **Performances Artivistas: Incorporação Duma Estética de Dissensão Numa Ética de Resistência.** 2015. Disponível em: <http://bit.ly/2ec6F5R>. Acesso em 04 de outubro de 2016.

SODRÉ, Muniz. **Jogos extremos do espírito.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

TALARICO, Bruna. **Rede Nami usa arte urbana para promover direitos das mulheres,** em Planeta Sustentável. Disponível em: <http://abr.ai/2e1X8ld>. Acesso em 20 de setembro de 2016.

WASELFISZ, Julio J. **Mapa da violência 2015. Homicídio de Mulheres no Brasil.** Disponível em: <http://bit.ly/20GMDUM>. Acesso em 21 de setembro de 2016.